

Mountain VOICES

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XIX | #106 | mar/abr 2009



+
Montanhismo
Urubici - SC
Técnica
Quedas

Escalada
COCALZINHO - GO


SNAKE[®]
r e a c h t h e t o p



SISTEMA DE IMPERMEABILIZAÇÃO
QUE MANTÉM SEUS PÉS SECOS
E PERMITE A SAÍDA DE SUOR E
UMIDADE.



SISTEMA DE CONSTRUÇÃO INTERNA
QUE CONTROLA SUPINAÇÃO E
PRONAÇÃO, GARANTINDO ESTABILIDADE
E CONFORTO EM CAMINHADAS.



SOLADO ROCCA.
TRAÇÃO, ESTABILIDADE E SEGURANÇA
EM QUALQUER TERRENO.



CONJUNTO DE TECNOLOGIAS
QUE PROPICIAM
MAIOR CONFORTO.

LINHA PRO 2009



O "DNA" DA MONTANHA

www.snake.com.br

www.snake.com.br

www.snake.com.br

TWIN 10L

Mochila leve e pequena

para ser acoplada a toda linha de
cargueiras Mountaineer

coleção
2009

Detalhe da montagem da Twin
na Mountaineer 40+5L



Peso: 326 g
Medidas: 38x26x12 cm

www.curtlo.com.br

CURTLO
Aonde você for!



Produzido no Brasil

Internacional

LISETE FLORENZANO | SP

► Queen Maud Land - Antártica

Durante a viagem de seis semanas para Queen Maud Land, os irmãos Alex e Thomas Huber (Alemanha), com Stephan Siegrist (Suíça), abriram novas rotas nas enormes torres Ulvetanna, de 2.931 m e dificuldade alta, e Holtanna, que com 2.650 m, possui uma das faces mais exigentes da Antártida.

Os escaladores haviam planejado a ascensão em livre das grandes paredes, mas o frio extremo e os ventos gelados colocaram um fim nesses pensamentos. As enfiadas, que estariam em torno do sétimo grau em temperaturas mais amenas, eram muito duras em temperaturas de -30 o C, disseram. Mesmo assim, eles continuaram escalando em artificial e finalizaram a nova rota *Eiszeit, 'Ice Age'*, de 24 enfiadas, 750m e dificuldade de 7a em livre e A4 nas passagens em artificial, na face oeste de Holtanna. No processo, eles fizeram a terceira ascensão da torre.

Uma semana mais tarde, os escaladores já se sentiam preparados para a quarta ascensão de Holtanna: a equipe abriu em livre a via *Skywalk* (450 m, VI grau, 10 enfiadas). Numa janela de bom tempo, eles aproveitaram para entrar na torre Ulvetanna e conseguiram mais uma rota: *Sound of Silence*, 7b/A2, no pilar oeste. A via tem 20 enfiadas, 850 m e 600 em neve. Foi a terceira ascensão da torre.

Mas não conseguiram voltar para casa com todos os projetos cumpridos. A ascensão inteiramente em livre de uma grande rota na Antártida se converteu (com os habituais -20oC a -30oC) em uma meta "virtualmente impossível". "Tentamos de tudo, fizemos todo o possível, e voltamos felizes com o resultado", concluem os Huber.

► Nova rota em gelo no Nepal

Ines Papert e Cory Richards escalaram uma nova rota na histórica face norte do Kwangde, no Nepal.

As escaladoras alcançaram o cume dos 6.093 m do Kwangde Shar, apesar das condições do gelo no Khumbu.

Papert foi ao Nepal como parte de uma equipe feminina, que incluía as canadenses Audrey Garipey e Jen Olson, com a proposta de escalar uma nova linha na face. Cory se uniu à expedição como fotógrafa, junto com a filmmaker Chris Alstrin.

No início de janeiro, concluindo que a face estava fora de condições para a abertura de uma nova rota, as três escaladoras se focaram em unir duas linhas já existentes na parte mais à direita da parede. Em dois dias, elas escalaram a 5.850 m, chegando até a aresta acima da face à direita do Kwangde Lho (6.187 m), o cume adjacente ao Kwngde Shar. Entretanto, a hora já estava avançada para seguir até o cume.

Depois desta tentativa, Garipey e Olson tiveram que retornar para casa, mas Ines e Cory se uniram para outra tentativa.

Elas haviam cogitado uma possível nova rota à esquerda da face principal, e, dadas as condições e as incertezas a respeito da linha, levaram comida para cinco dias.

Assim, em 9 de janeiro, as duas escaladoras seguiram por um novo caminho por um dia e meio, quando entraram na rota *Extra Blue Sky* até o segundo bivaque. Os acampamentos eram feitos em pequenos platôs ou em buracos cavados na neve. No terceiro dia, elas atravessaram para a esquerda em novo terreno novamente antes de alcançar a aresta.

Agora, no sol pela primeira vez em dias, elas seguiram mais um pouco em direção ao cume, antes do bivaque. No dia seguinte, escalaram por seis horas em terreno delicado na aresta noroeste para chegar ao cume – a terceira equipe a chegar via face norte ao cume do Kwangde Shar. Retornaram ao bivaque anterior e no dia seguinte rapelaram a via. Ao todo, foram seis dias desde o campo base. A nova rota se chama *Cobra Norte* (TD WI5 M8).



Ice age.

incluindo um teto em offwidth na sexta enfiada. Os dois escaladores encadenaram a rota em 18 de janeiro, com Pizem livrando todas as enfiadas e Brumbaugh livrando todas exceto a primeira. Pizem diz que "a via tem uma escalada variada em uma rocha de excelente qualidade, o que a torna um verdadeiro clássico". Ele acrescenta que não é difícil passar o crux em artificial e escalar em livre o resto da via. Os escaladores não acrescentaram nenhum bolt de proteção, mas reforçaram algumas das ancoragens de base/rapel com bolts.

► A concepção do Solo BASE

"Me sinto a voar, fora de controle, caindo, com um vazio em meu ombro e adiante. Me fecha a garganta, brota alguma lágrima, o chão se apressa a me alcançar...". Isto, contado por ele mesmo, é o que sente Dean Potter quando se precipita em um abismo com um pequeno paraquedas. 1, 2, 3 e o futuro se reduz a apenas alguns segundos incertos.

Ines é considerada a melhor escaladora em gelo do mundo, é pioneira em rotas de até M12 e WI6, além de ter repetido inúmeros testpieces do Alpes. Cory, fotógrafa profissional, é escaladora experiente, com muitas rotas abertas nas Rochosas canadenses.

► Gentleman's Agreement (5.13b trad)

Rob Pizem e Mike Brumbaugh escalaram em livre *Gentleman's Agreement* (5.13b) no Zion National Park.

A rota, de 1981, tem sido, há tempos, alvo para os escaladores esportivos, mas o crux da primeira enfiada havia impedido a ascensão.

Pizem e Brumbaugh passaram três finais de semana, começando em dezembro, trabalhando a via. Pizem disse que o crux de 5.13b da primeira enfiada tem 9 metros de aresta vertical protegida por pitons em arenito sólido. "Isso faz com que você escolha entre clipar todas as proteções e sentir-se seguro enquanto segue pelo diedro, ou pular as proteções e ficar apavorado". "Como não sou forte o suficiente para clipar todos os pitons, tive inúmeras quedas de 6 a 9 metros enquanto tentava livrar a enfiada".

Acima desta são 3 enfiadas de 5.12, com uma variedade de fendas com entalamentos, e então 3 enfiadas de 5.11 onde a fenda abre para offwidth,

Nos últimos tempos, a atividade de Potter evoluiu para a raiz da exposição: solos integrados com descidas comprometidas através do Base Jump. Solo base, para abreviar. Os exemplos mais recentes foram no Yosemite, em novembro, com a variante *Alien* no Rostrum - 240 m de via, graduada em 7b (8b) - e em uma das paredes mais célebres do alpinismo, a Eigerwand, de onde Potter ascendeu os 300 m de *Deep Blue Sea*, aberta em 2001 por Rahtmaier e Ruhstaller, onde teve que superar dificuldades de 7b+ (8c). "Não tenho medo, ainda que se possa pensar que seja uma loucura. Grande parte das coisas importantes da minha vida se foram, e devo me prender ao que tem me feito sentir vivo desde a infância, a escalada e a rocha, combinando com o solo integral e o base jump. Talvez eu esteja levando as coisas longe demais, mas sempre fui fiel às minhas paixões, não posso ser de outra maneira."

► Curtíssima - Sharma: possível 5.15b (12B)

Chris Sharma completou um projeto em Siurana, que acredita ser um 5.15b - ou um 12B aqui para nós... Golpe de Estado é uma variante direta de *Estado Crítico* (5.14c/d), ligando um início 5.14d a um 5.14c com poucos pontos de descanso no meio.

Linha Urbana Com resistência para uso pesado

Ideais para uso universitário ou em academia, possuem compartimentos internos divididos para canetas, chaves, documentos, celular, etc. além de bolsos externos. Costas acolchoadas para maior conforto e fita abdominal para maior estabilidade.

Crampon 31

Local para MP3 ou walkman com saída para fone. Costas e alças com acolchoamento reforçado.

Capa de chuva embutida para proteção da mochila.



Crampon 29 - Detalhes refletivos, alças anatômicas e fitas externas que acomodam um casaco. Bolso frontal com divisões para canetas, documentos, etc.



Campus 30 - Compartimento acolchoado para notebook (27 x 4 x 36 cm.). Acabamento em EVA e fundo reforçado com amplo espaço para livros e roupas.

Trilhas & Rumos

R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis - RJ - CEP 25954-195
(21) 2742-9652 - Fax (21) 2742-5781 - sac@trilhasrumos.com.br

www.trilhasrumos.com.br



Vista sua liberdade.

www.solobr.com

SOLO

www.mountaininvoics.com.br

www.mountaininvoics.com.br

Made in Brazil ?

ANDRÉ BEREZOSKI | SP

De tempos em tempos, assim como a escalada no Brasil sobe e desce, vai e volta, algumas discussões polêmicas voltam a dar o ar da graça em suas diversas formas de divulgação, com a internet e suas listas de discussões aflorando em todos os cantos do mundo, eis que a mais discutida de todos os tempos rendem páginas e páginas nos fóruns e comunidades por todo o país. E é a tal famosa agarrã cavada, parafusada ou colada em rocha que causa tanto alvoroço no meio da escalada mundial. Mas as discussões são boas, divertidas e inclusive didáticas, (aprende-se muito sobre o "novo português" de outros estados lendo os fóruns). Muito se fala sobre ecologia, ética, respeito à rocha e locais, mas nunca se chegou a um consenso em meio a tantas opiniões, e por esse motivo manter-se afastado de tanta discussão e próximo da rocha sempre foi a melhor opção, mas ao perceber que mais uma vez a discussão esquentava, e eu sendo o detentor de inúmeras vias e experiências acumuladas neste âmbito da escalada, posso tentar contribuir com algumas informações históricas e vivências pessoais. Mas que fique claro, não existe a verdade absoluta, ou seja, antes mesmo de começar a escolher a pedra a ser jogada sobre este assunto, a intenção deste texto é expor cada caso de uma maneira clara e com exemplos de várias gerações da escalada mundial, com seus erros e acertos e como o panorama nacional se enquadra nesta questão que já renderam bons lucros aos donos de bar com muitas cervejas ao longo destas intermináveis discussões.

Como toda boa criação, as mais rígidas a princípio parecem ser muito rudes nas melhores famílias e comunidades, mas quando provadas no dia-a-dia, prevalecem por seu caráter forte e íntegro. Nascido e criado em uma comunidade e escola tradicional, revolucionária e forte como a paranaense, os princípios e virtudes deste relacionamento com a escalada em rocha permanecem evidentes ao perceber que tudo segue coexistindo diante de uma boa harmonia entre os meios escalador/ambiente. Já me encontrei em vias de minha autoria ou de outros conquistadores, na situação de se deparar com um trecho que corresponde a 10% da via, onde realmente não existe agarrã alguma, e a opção mais óbvia para não se perder todo o trabalho realizado, seria cavar ou fabricar uma agarrã, mas ao final, uma sensação de desconforto toma conta, e em respeito ao estilo e ética adotados no Brasil, é preferível encerrar o assunto por ali mesmo e buscar novas linhas, ainda que estas sejam bem escassas no Brasil, respeitar o trabalho e opinião de gerações passadas é preservar a cultura existente no meio. Assim como a "espécie" escaladora evoluiu consideravelmente o físico para superar limites antes inatingíveis, outro gênero dentro da mesma espécie apareceu, quase como um alimento transgênico, onde a intenção é de otimizar custos e favorecer a evolução. Mas onde estariam os efeitos colaterais desses atos? Vias foram inteiramente cavadas, sikadas e melhoradas visando à evolução, mas com elas apareceram os oportunistas de plantão, onde para se aproveitar da situação, passaram a fomentar tais atos visando sua "própria" evolução, vias como Wall Street, aberta e encadenada por Wolfgang Güllich em 1987, que com um passe de mágica, de um dia ao outro, um buraco no crux da via havia sido aumentado, seria isso uma tremenda evolução geológica? Ou um regresso e incapacidade de certo grupo de escaladores em não conseguir realizar tal movimento? Por se tratar de estar ao seu limite que se sentiram no direito de aumentar e melhorar a agarrã "só um pouco" para poder mandar tal via mítica? A qual viria a ser repetida pelo próprio conquistador, mas desta vez com a agarrã tapada com sika eliminando a mesma. Nesta mesma época surgiu o "escalador noturno", diferente do que vemos hoje com suas luzes de emergências. Estes "seres" da noite aterrizaram pontos de escalada clássicos, a golpes de martelo, destruindo agarras de boulders ou vias, arrancando inclusive as proteções das mesmas.

Paredes lisas foram inteiramente esburacadas e fabricadas e onde antes havia uma parede natural admirável, hoje parece mais com uma loja de frios com seus queijos suíços e gruyère à mostra. Desde então, surgiram inúmeros fatos e problemas relacionados à mudança do estado natural de uma via ou parte dela.

Hoje este tipo de discussão já toma outro rumo na comunidade da escalada mundial, os irmãos François e Arnaud Petit, excelentes escaladores esportivos, campeões mundiais, hoje lideram um movimento contra agarras fabricadas na França. Muito se critica sobre a manipulação de agarras em paredes naturais. Mas a escalada estaria neste patamar de evolução evidente que se encontra hoje sem as mesmas interferências? Muitos erros foram admitidos por terem destruído linhas onde hoje seriam perfeitamente escaláveis utilizando somente agarras naturais, mas muitas vias ou grande parte delas na Europa em geral receberam o toque humano e contribuiriam imensamente para tal evolução.

Após inúmeras viagens pela Europa e seus locais mais conhecidos relacionados a escalada esportiva, pude realizar vias que só depois de um tempo viria a saber que a mesma tinha uma agarrã cavada ou fabricada com Sika, a diferença está na forma e experiência para realizar tal feito, no Brasil não temos desenvolvido, as agarras são feitas de uma forma que corresponde ao padrão geral das agarras da parede, ficando assim imperceptíveis para escaladores até mais experientes, mas algumas vias são inteiramente cavadas, estas sim, não condizem com o padrão local e simplesmente não chamam tanto ou nada a atenção dos escaladores. Assim como eu, muitos escaladores brasileiros hoje em dia tem o prazer de aproveitar dos melhores locais do mundo, e a opinião é unânime ao ter encadenado inúmeras vias que continham agarras cavadas ou sikadas, "A sensação e motivação da cadeia, superam em muito este fato contraditório das agarras", isso se deve ao fato de levar o ato de escalar, subir e superar seus limites ao extremo, conjugado com o ambiente de escalada local, sua comunidade e vias estarem em perfeita sintonia com o momento da trip, onde o objetivo é escalar. Obviamente, as vias já estavam ali, prontas para serem escaladas e por trás delas houve muito debate até mesmo por lá, onde esta atividade ainda é vista em partes benéfica, em outras, contestável.

A diferença entre Brasil e Europa está na quantidade e qualidade de vias e rocha que encontramos, e por esse motivo, optou-se por um "acordo" invisível em manter nossos points em sua forma natural e original, mas trazendo o que pode ser útil para uma evolução de nível, como é o caso de a maioria dos melhores points do Brasil como por exemplo: Barrinha, Campo Escola 2000, Ubatuba, Falésia dos Olhos e outros do Brasil afora, receberam o toque da famosa Sika dur 32, a qual possibilitou que agarras fossem reforçadas para que todo um setor de vias fosse disponibilizado à comunidade local, trazendo uma evolução significativa nos últimos anos para a escalada esportiva nacional.

Muitos escaladores que são contra qualquer tipo de intervenção na rocha como, por exemplo, sikar uma agarrã que caiu, já provaram, encadenaram e se orgulham de seus feitos, sem ao menos se dar conta que sua cadeia foi possível graças a uma, ou mais, agarras coladas, mas que passaram despercebidas.

Exemplos como a falésia na Lagoa, RJ, onde foram abertas várias vias cavadas por franceses, hoje podem ser escaladas sem a utilização das mesmas, prova que estamos um passo a frente nesta jornada ética.

Outro ponto importante sobre este assunto é que uma vez liberada a modificação de vias no Brasil, quem poderia realizar tal serviço? Qual seria o limite? Uma via que esteja ao meu limite pode ser aquecimento para um outro escalador, sendo assim, abrir margem para todo e qualquer escalador, independente do nível e limite para abrir e colocar uma agarrã onde ele julgar necessário para ultrapassar tal sequência, pode abrir precedentes para um retrocesso na escalada nacional. Dentro da questão ambiental, esta deveria até ser descartada, pois, as chapeletas e grampos que com o tempo deixam escorrer marcas de ferrugem pela parede, o magnésio, a borracha da sua super sola aderente, as trilhas para chegar ao pé da via, plantas arrancadas da parede, até mesmo o musgo limpo, as estradas e rodovias abertas para se chegar aos locais e cidades para se escalar, tudo deteriora o meio ambiente, até a menor das pedreiras onde existem muitas vias abertas são por si só uma degradação mil vezes maior do que todas as agarras cavadas no mundo. Sendo assim, nenhum escalador, alpinista, montanhista, espeleólogo ou quem quer que seja que adentra a um meio natural teria o direito de comentar ou se impor contra cavar, furar ou colar agarras. Mas graças à evolução da consciência ambiental junto à evolução técnica/física, hoje a comunidade local ou nacional tem se mostrado muito mais aberta a se chegar a um consenso ético. Dentro da questão ética, muitas resoluções já se tornaram padrão no mundo todo (mesmo que muitas vezes elas não são respeitadas), e por razões óbvias, podem ficar fora de todas as discussões sobre este tema:

Se uma via ou boulder foi aberta ou principalmente "encadenada" por outro escalador, não se deve acrescentar ou retirar agarras de seu estado original.

Se uma agarrã corta, machuca ou simplesmente não é anatômica para determinadas mãos, as mesmas não devem ser retocadas com lima, lixa ou brocas sem a autorização do conquistador. Se uma agarrã se quebra por infelicidade em uma via, a mesma não deve ser recolocada sem antes uma notificação do autor, pode ser que a via possa continuar a ser escalada como parte da evolução da via.

Se uma agarrã foi quebrada, após tentativas de escaladores mais fortes, resolveu-se repor a mesma com sikadur ou outra cola, o trabalho deve ser feito por quem entende do assunto, deixando a agarrã e a parte de cola que sempre aparece, coberta por sedimentos da mesma cor e padrão da rocha local para que a parede não pareça um canteiro de obras, com cola vazando pelos cantos da agarras.

O que nunca deverá acontecer, levando em conta a evolução, é: "vamos deixar esta via negativa de 8b em um 7b, depois de um tempo tapamos os buracos para transformar em um 9b, e em mais alguns anos vamos dinamitar esta via para virar alguns blocos, porque tenho que treinar fissura de dedos e não tenho onde". Estou falando de algo extremo, mas que pode acontecer, e isso seria o fim de toda uma geração de tentativas em tentar concertar o que a mão humana tem a capacidade de destruir.

Para exemplificar como a escalada no Brasil segue no caminho correto, a via *História sem fim*, no Campo escola 2000, no RJ, já prevendo este texto desde sua abertura, reflete bem como a comunidade tem levado esta questão. Foram colocadas agarras artificiais no começo da via por se tratar de algo impossível para a época, passados alguns anos, a cadeia foi realizada, logo foram retiradas as agarras, onde veio a receber outras cadenas dos escaladores mais fortes na época. Hoje a via volta a ser projeto por ter se quebrado uma agarrã natural, justamente no começo da via onde se originou toda esta história e é aí que mora a diferença brasileira neste aspecto. Poderia ter sido colada de volta a agarrã, mas ao invés disso, enxergou-se por escaladores mais experientes que a via um dia pode vir a ser encadenada de novo sem a mesma, prova do rumo que este tipo de assunto pode ser encarado de uma forma muito evoluída hoje em dia, mas isso sempre será uma *História sem fim*, pois sempre haverá o discurso de que só uns poucos podem vir a tentar esta linha incrível.

É possível enxergar claramente uma evolução não só na parte do nível da escalada nacional, mas uma evolução mais importante, que é a consciência geral em aprender com os erros que foram cometidos pelo mundo afora, com verdadeiras atrocidades com a rocha e se criar uma cultura própria baseada em informações e discussões acertadas sobre o tema, proporcionando assim uma forma ética sólida sem atrapalhar a evolução natural das futuras gerações.

André "Belé" Berezoski é apoiado por: Conquistista Equipamentos, Casa de Pedra e Endorphine óculos esportivos.



info FEMERJ

Seminário de Mínimo Impacto do Montanhismo no PESET

ASSESSORIA DE IMPRENSA FEMERJ

A Fundação Instituto Estadual de Florestas do Rio de Janeiro (IEF/RJ), através da administração do Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET) e a FEMERJ (Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro), através do Clube Niteroiense de Montanhismo (CNM), realizaram no dia 7 de dezembro de 2008, o I Seminário de Mínimo Impacto do Montanhismo no PESET. Este evento foi uma deliberação do II Encontro Niteroiense de Escalada, que aconteceu no dia 21 de outubro de 2006, quando também foi criado o Código de Ética local. O Seminário originou um documento que está na página da FEMERJ para consulta pública e será anexado ao plano de manejo do parque.

O Seminário foi realizado no Colégio Paulo Freire, localizado no bairro do Engenho do Mato, Niterói. Adriano Lopes, administrador do PESET fez a abertura do evento e passou a palavra à Alba Simon, diretora de Conservação da Natureza do IEF, que estava representando o presidente do órgão, André Ilha. Ela falou que o montanhismo faz parte do uso público dos parques e elogiou o trabalho que é realizado no Parque Estadual dos Três Picos. "O seminário de hoje é fundamental para o Plano de Manejo do PESET", afirmou Alba.

Adriano comentou a percepção da administração do parque sobre o montanhismo e afirmou que não conhece todos os acessos às vias existentes no PESET. Bernardo Collares, presidente da FEMERJ, explicou que em outros parques (por exemplo, Parque Nacional da Serra dos Órgãos e Parque Estadual dos Três Picos), o procedimento para novas conquistas é comunicar o parque e seguir as diretrizes de mínimo impacto. Se surgir alguma dúvida, o assunto é

levado para a Federação e para o Conselho Consultivo.

Isso foi reafirmado na palestra de Sergio Poyares, do Núcleo de Montanhismo do Parque Estadual dos Três Picos (PETP) e funcionário do IEF. Poyares apresentou o trabalho realizado pelo órgão no PETP e listou as unidades de conservação estaduais onde as atividades de montanhismo são realizadas. "Por isso a importância deste seminário. Em 2007, realizamos um no Três Picos e o documento entrou no plano de manejo do parque. Isto ajuda a administração dos parques, para garantir as escaladas. É bom para o montanhismo e para o parque", concluiu Poyares.

"Este diálogo entre os montanhistas e os gestores dos parques é uma iniciativa pioneira. Só agora isto está acontecendo na Espanha, por causa da constatação sobre a degradação das trilhas", destacou Bernardo.

A palestra seguinte, com o tema "Formação e Evolução das Montanhas do Parque Estadual da Será da Tiririca", foi apresentada pelo geólogo e montanhista Marcelo Ambrósio, que falou sobre os tipos de solos e sobre os processos erosivos. Através de fotos, foi mostrada a grande erosão que atinge a trilha para o Alto Mourão por Itacoatiara, e que está interditada há mais de dois anos. Na verdade, isto é um caminho de água e não uma trilha.

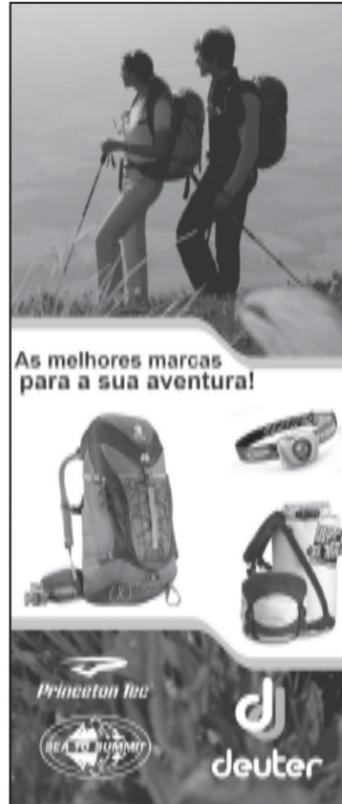
O escalador Luiz Andrade fez a última palestra do seminário, sobre "O desenvolvimento da escalada no PESET". Luiz explicou que o aumento do número de escaladas e de escaladores em Niterói gerou o I Encontro Niteroiense de Escalada, realizado em 2006, e o II Encontro, em 2007. Com eles, foi verificada a necessidade de realizar este seminário. Luiz mostrou uma proposta

para a setorização das áreas de escalada, que foi votada.

"A concordância em manter interditada a trilha do Alto Mourão por Itacoatiara foi uma importante decisão. No zoneamento das paredes rochosas, houve uma evolução em relação aos outros seminários. Neste ficou decidido que se a parede estiver saturada, mas for visualizada uma linha que não vá provocar um impacto significativo, e/ou não vá interferir nas vias já existentes, a proposta será levada ao parque e um Grupo de Trabalho avaliará estes quesitos", explicou Bernardo Collares.

O documento gerado neste I Seminário de Mínimo Impacto do Montanhismo no PESET ficará na página da FEMERJ para consulta pública por dois meses e será anexado ao Plano de Manejo, que deverá ser licitado neste ano. Também será levado em consideração o levantamento realizado por um grupo que estuda a biodiversidade local.

Tudo o trabalho apresentado neste encontro foi resultante de centenas de mensagens eletrônicas trocadas, além de muitas reuniões e visitas locais. Trabalho voluntário por amor ao montanhismo, que pode ser vislumbrado nas palavras de Reinhold Messner, colocadas no folder de apresentação do seminário: "Os dias que os homens passam nas montanhas são os dias em que realmente vivem. Quando as cabeças se limpam das teias de aranhas e o sangue corre com força nas veias. Quando os cinco sentidos recobram a vitalidade e o homem, completo, se torna mais sensível, então já pode ouvir as vozes da natureza e ver as belezas que só estavam ao alcance dos mais ousados".



Equipos é na:



halfdome

Al. dos Nhambiquaras, 946 - Moema - Tel.: 11 50528082
www.halfdome.com.br

Para todos os tipos de escalada

Galaxy 60 Tusk 60 Promo 30

www.casadomontanhista.com.br

Invernada

Texto: André Funari, SP

Novo point de escalada esportiva em arenito em São Carlos, SP

Há 5 anos foi descoberto um pico de escalada na cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Durante uma rave, (que são comuns na fazenda) um escalador de fora reconheceu potencial na parede e falou dela para um dos escaladores da cidade, o Samir, que prontamente pilhou com a galera do CUME, para ir lá desbravar o potencial do local.

No meio de um vale, a Invernada é uma falésia de arenito de 30 metros de altura. O pico fica a meia hora do centro de São Carlos (aproximadamente 20km) e tem uma caminhada mínima, no meio de uma mata muito bonita e agradável. Um pequeno rio que passa ao lado da parede refresca o lugar com uma cachoeira.

Em 2005 houve uma tentativa de se exterminar as abelhas, pelos escaladores Fernando Animal e Alessandro Lancelotti. E após isso foram abertas as primeiras rotas, a Caixa de fósforos VIIa e a primeira enfiada da Barranco noveá VI. Mas alguns conquistadores estavam com dúvidas sobre a qualidade da rocha e as atividades foram suspensas. Um dos grandes fatores que desmotivou a galera a continuar as conquistas foi a dificuldade em se conquistar a maior parte das linhas óbvias. Com a negatividade da parede era tecnicamente inviável armar top-rope pois rolaria um pendulo muito grande. Outro fator foi que muitas dessas linhas são negativas, de contraposição, o que torna difícil a escalada artificial em ganchos para a grampeação. E o arenito possui uma casca dura, que quando perfurada por mais de 1cm, se torna extremamente farelenta por dentro. No final de 2008 o Rodrigo Genja teve a idéia e a iniciativa de abrir uma travessia saindo no meio da via Caixa de fósforo (que hoje é a Narcotráfico IXa) para aí sim, poder bater a base de um projeto antigo no local que já possuía a primeira chapeleta colocada pelo Zé Ricardo em 2006, a Colômbia XIIIb, dando origem então à abertura da temporada de conquistas na invernada. Com a presença do Beto, do Baiano e do Funari, eles então começaram a conquistar novas linhas.

André Perassoli (Baiano), Rodrigo Chinaglia (Genja) e Bruno Alberto (Beto) conquistaram mais uma via negatíva, a TPM, quase um teto ainda não terminada mas que já está escalável.

Com um resto de Sika de outra conquista, o Genja e o André Funari (Frango) abriram outra linha debaixo pra cima, a Rolling Cones VIIb, uma linha curta e grossa, bem técnica no começo e explosiva no final.

A via mais fácil do pico é um 4º grau, a Tem Forfri que recentemente foi grampeada para guiar com o intuito de dar acesso a um platô que dará origem a outra via, ainda inacabada, que provavelmente será em móvel em quase sua totalidade.

A principal característica desse pico é a negatividade e por isso pode estar caindo um pé d'água que não molha. Um ginásio de pedra pertinho da cidade. A rocha é o arenito e é agressiva na maioria das rotas, a não ser nos abaulados, que podem ser bem ergonômicos e confortáveis. Como é um pico novo é muito importante usar capacete, pois sempre quebra alguma agarra.

Calculamos que haja um potencial para umas 15 a 20 vias no local, todas fortes. Por enquanto existem 5 vias prontas e 4 projetos escaláveis. Todas as vias são equipadas com bolts de 3/8 de 12cm colados e expandidos e chapeletas de ótima qualidade. As bases são duplas com seção arredondada para rapel. O pico tem muito potencial para vias esportivas e algumas com proteção móvel, pois algumas fendas abrilhantam o lugar dando um charme à parede.

Existe um vídeo do Kalango encadenando uma das últimas criações de Narcotráfico, e um do Genja, mandando uma das primeiras conquistas, a caixa de fósforo. Confira em www.cume.org/videos, e o Genja está preparando para breve o primeiro croqui do local.

Como chegar:

Pela Washington Luiz (SP310), antes de entrar em São Carlos, pegue a entrada para a Rod. Dr. Paulo Lauro (SP 215) no sentido Descalvado. Após 5km, você avistará a entrada do Parque Itaipu, após 400m entre a direita na estrada de terra e siga por mais 4km as placas que indicam "Restaurante Rural Fazenda Invernada". Logo após a descida de asfalto em meio à estrada de terra, pegue a primeira a direita (depois que o asfalto acabar). Siga mais 200m e pare o carro em frente ao restaurante. O início da Trilha é bem na curva da estradinha que contorna a lagoa, e a parede é visível do restaurante. Como a fazenda é bem frequentada, principalmente aos domingos, recolha todo o lixo que puder, e não estranhe se sentir num zoológico com pessoas perguntando se você está fazendo rapel, ou se foi o bombeiro que colocou aqueles "ganchos" ali na pedra.



O controle mental é importantíssimo para a evolução do escalador. Medo de cair é o maior peso que um escalador pode levar consigo durante a ascensão de uma rota. Conversar com amigos mais experientes e aprender a se controlar em situações de risco, fazem parte do processo de aprendizagem.

Prepare SEU VÔO

Rogério Santos voando no cruz da Vanilla sky, Falsia dos Olhos, MG

ANDREZZA OLIVEIRA | RJ

O desejo de subir, alcançar o topo é próprio do ser humano e a possibilidade de quedas ao longo do processo, na maioria das vezes é o maior temor. O principal é saber reagir em tais situações, estando consciente de tudo que pode ocorrer durante a queda, sendo muito importante a tomada de decisão diante de uma situação real, evitando que algum acidente ocorra durante a queda, e controlar o medo que nos limita em fazer movimentos mais difíceis em uma via por sabermos da possibilidade de tomar uma "vacar".

Para uma pessoa que está iniciando, o ideal é começar gradualmente e em local apropriado. Top rope é o mais indicado, onde a pessoa pode se sentir mais confortável e segura em se pendurar na corda e aprender a confiar no equipamento. Começando simplesmente com pequenas quedas geradas pela elasticidade da corda.

Com o tempo, ao começar a guiar o ideal é ter quedas pequenas com poucas passadas após o grampo costurado e aí aos poucos, no momento em que se sentir mais seguro comece a entrar em vias mais exigentes e expostas onde a possibilida-

de de queda é real e desta forma, praticando quedas, melhorar a capacidade de reação e reflexos para se proteger de batidas, platôs e aterrisagens ruins.

É muito importante ter em mente alguns reflexos no momento da queda, como por exemplo: não segurar na corda, soltando-se da pedra suavemente. Às vezes é melhor cair consciente do que cair sem perceber, pois com consciência você se prepara para a queda.

A concentração e controle da mente são essenciais durante a escalada.

Li uma vez que o escalador americano Chris McNamara se concentra no imediato: "Eu fico com medo quando eu me desconcentro dos movimentos que tenho que realizar naquele momento e começo a pensar no que pode acontecer: que eu posso cair, se o friend não vai segurar e sair. E aí quando paro com esses pensamentos e me concentro novamente nos movimentos o medo simplesmente desaparece.

Não se deve avaliar a dificuldade de uma via baseado no medo que estamos sentindo no momento, portanto, antes de qualquer tomada de decisão é necessário reassumir o controle da mente. E esse é

um exercício que você deve praticar todas as vezes que escalar. E por falar em medo, eu sempre tive muito medo em relação à queda mesmo antes de começar a guiar.

Muitas coisas se passavam na minha mente, tipo: se eu cair vou me ralar inteira (rsrs), coisas desse tipo, até que teve um dia que não teve jeito, aconteceu a primeira "queda" fazendo um top rope na Face Norte da Urca - RJ ... foi uma sensação estranha, eu não queria cair mais ao mesmo tempo eu não estava mais agüentando porque meus braços estavam super tijolados... Fiquei segurando ao máximo na agarra, e o segurança dizendo: Kamon! você consegue, continua... até que não agüentei mais e caí... na verdade foi um pequeno tranco, e que de certa forma foi bom para eu ver que não ia acontecer nada demais além daquilo... Claro que como eu estava de top rope tudo era mais tranquilo. Desde então comecei a pensar que deveria fazer um curso básico para aprender técnicas de queda para ter um melhor posicionamento para não me machucar caso acontecesse alguma queda. Quando se escala com comprometimento, focado no objetivo as coisas mudam.

A minha primeira verdadeira queda aconteceu na via Ninhos, na Serra do Cipó, onde o meu medo era de tomar uma vaca e bater as costas em um paredão que tem atrás da via e eis que aconteceu a vaca (rsrs) ... Na hora eu só pensava nas minhas costas indo de encontro à outra parede... mais foi super tranquilo, não aconteceu nada do que eu estava imaginando... e depois disso a escalada fluiu, parei de ficar tensa, meus braços não tijolavam mais e consegui mandar a via super tranquila logo em seguida.

Ninguém está livre de tomar umas vacas de vez em quando, até porque faz parte do processo de evolução na escalada, e é durante o processo de evolução que elas acontecerão com certeza, o principal é não se desesperar, manter a concentração, o controle mental e corporal, bem como uma boa capacidade de visualização para movimentos seqüenciais. Isso só vem para provar como o fator psicológico influencia muito nesses momentos... É preciso estar desprendido de alguns medos, porque senão não adianta... Não haverá evolução.

Artur Vieira

www.mountaininvoices.com.br

www.mountaininvoices.com.br

Beto na fenda TPM.
- André na Caixa de fósforos.

Cocalzinho

Texto: Frederico Rodrigues, 60

Atualmente é com esse nome que o Parque Estadual do Pico dos Pireneus vem se tornando cada vez mais conhecido pela comunidade escaladora. Atualmente é com esse nome que o Parque Estadual do Pico dos Pireneus vem se tornando cada vez mais conhecido pela comunidade escaladora.

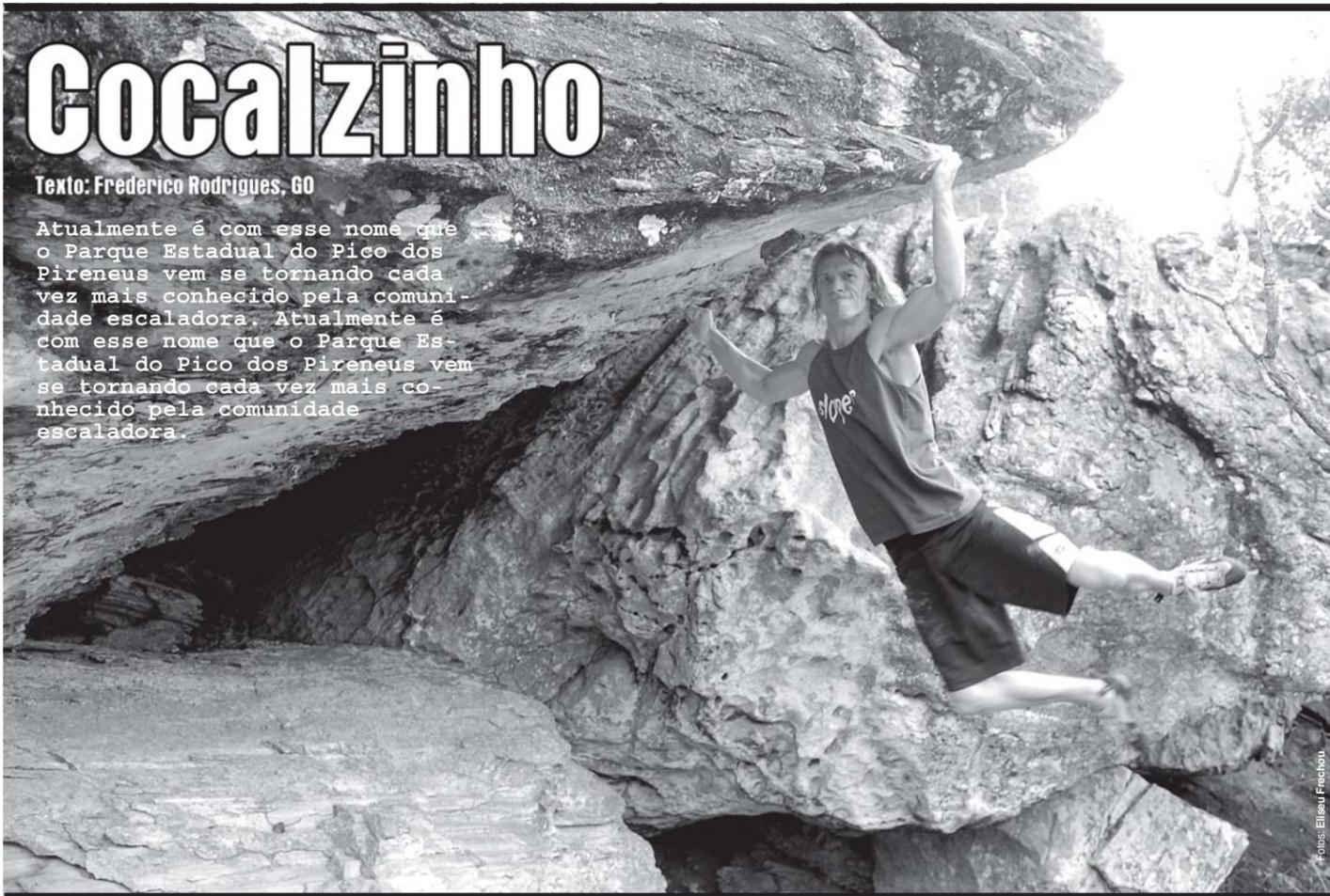


Foto: Eliseu Frechou

▲ Stéfano Braggio no bote do *Draculino*.
▶ Eliseu Frechou no *Locomotiva*.
▼ Frederico Rodrigues na *cave Rock you*.

Cocalzinho

A região é um dos pontos mais altos do Estado de Goiás e oferece aos visitantes, várias trilhas ecológicas, escaladas em rocha, mountain bike e, pra completar, mais de 26 cachoeiras. Um programa bastante agradável para um final de semana, ou ainda, o lugar ideal pra sua trip de férias ou final de ano.

E, para que sua visita seja uma honra, é importante informar-los sobre alguns costumes da região, e desta maneira prepará-los para o bom relacionamento no local. Tenham a certeza que estarão em uma região simples, porém, muito hospitaleira e confiável. E que o respeito aqui sempre será bem vindo.

O parque teve seu plano de manejo desenvolvido pelo grupo Nativa e está em processo de estruturação. Guaritas de fiscalização já estão instaladas nas áreas de acesso e pode-se ver frequentemente, fiscais dando um "rolê" de carro a fim de manter a ordem. Mas, não se preocupem porque os caras são tranquilos, a escalada é liberada, a entrada ainda é franca e pode-se nadar ou fazer caminhadas livremente em algumas áreas do parque. Ele está situado entre os municípios de Pirenópolis, Corumbá e Cocalzinho, todos no estado de Goiás.

História

Antigamente, a região foi palco de exploração dos bandeirantes, que procuravam ouro e outras riquezas minerais. Em 1727 foi criada a cidade de Pirenópolis de Goiás, que não passava de um arraial minerador. O seu nome era uma alusão às pequenas montanhas que a circundam e que foram comparadas ao maciço dos Pireneus da Europa. A cidade mantém um forte apego a seus valores, tradições e manifestações culturais e é conhecida internacionalmente pela realização da festa do Divino Espírito Santo, incluindo as famosas cavalhadas. O turismo ecológico está muito desenvolvido e Piri possui a melhor estrutura para atender aos turistas.

Curiosidade: ao se deslocar de Brasília a Pirenópolis, passa pela antiga linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Pirenópolis então, se encontrava dentro de terras espanholas. Em 1989, o

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) optou pelo tombamento de Pirenópolis.

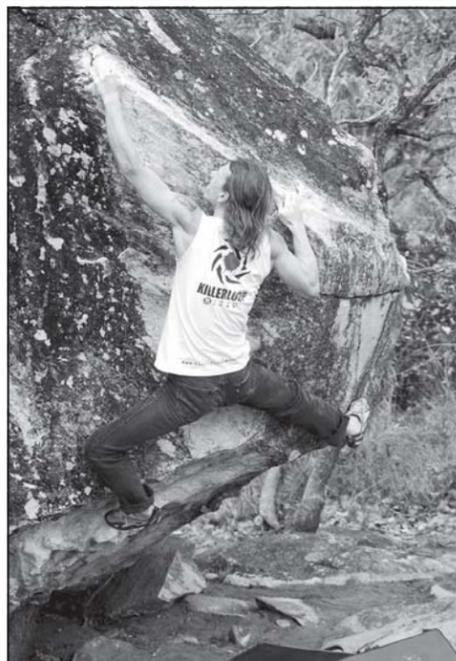
Por volta de 1729 fora fundada aos pés dos montes Pireneus a capela de Nossa Senhora da Penha. Em 1737, com as graças do padre Manoel da Silva Maria, o lugar foi transformado em cidade. Mas, somente em 1943 que passou a se chamar Corumbá de Goiás (do tupi – banco de cascalho). A cidadezinha possui vários casarões, praias de água doce, grutas e cachoeiras. O Salto de Corumbá é a maior delas, com aproximadamente 50 metros de altura.

Outra curiosidade: com a chegada dos bandeirantes, foi explorada uma queda d'água que formava um poço muito grande, cheio de ouro. Do local fora retirado toneladas de ouro e outros minérios através da dinamitação da parede da queda. Há aproximadamente 20 anos o rio foi desviado para engrossar a queda da cachoeira, o que ocasionou um grande impacto ambiental e deu origem ao Salto de Corumbá, a mais volumosa cachoeira da região.

O tempo se passou e as margens da BR 060 e 414, nasceu a cidade de Cocalzinho, por causa da implementação de uma indústria de cimento. Após a desativação da mesma, a população da cidade sofreu muito, pois grande parte da economia local girava em torno da fábrica. Hoje algumas pessoas tentam se adaptar ao ecoturismo, mas encontram grande dificuldade pra competir com as outras cidades mais desenvolvidas.

Parque Estadual

"Tudo o que acontecer a terra, acontecerá aos filhos da terra" No ano de 1854, o presidente dos Estados Unidos da América do Norte fez a uma tribo indígena a proposta de comprar parte de suas terras, oferecendo em contra partida, a concessão de outra reserva. A resposta do cacique Seattle, distribuída pela ONU – Programa para o Meio Ambiente – tem sido considerada, através dos tempos, como um dos mais belos e profundos pronunciamentos já feitos a respeito da defesa do Meio Ambiente.



Com estas palavras impressas no programa de encontro "Meio Ambiente Urgente", projeto promovido pelo 3.º Simpósio Ambientalista Brasileiro do Cerrado e EMATER-Go, a Mestre em Ecologia e Técnica da Diretoria de Unidade de Conservação da FEMAGO, Eliane Lopes Brenner, às 09h00 do dia 15 de Outubro de 1997, abriu os trabalhos com o tema "Parque Estadual dos Pireneus".

Antes, durante e depois, tudo foi um desacordo total. Ecologistas e moradores contra técnicos do governo. Contudo, o que mais desbotou os humores foi a inversão dos valores e a forma de utilizar indevidamente um conceito.

O cacique Seattle escreveu esta carta demonstrando ao presidente dos Estados Unidos, porque não se faz esse tipo de proposta a quem "vive na terra e da terra". Cento e quarenta e três anos depois, o governo usa a mesma carta, assinada pelo mesmo Cacique e a apresenta como argumento e instrumento de desapropriação de terras aos atuais moradores de "reservas" como a dos Pireneus, ou seja, até a lucidez e o bom senso da carta usada para desapropriar os métodos e interesses do governo daquela época foram encampados, assimilados, e agora utilizados, contra os donos da terra.

Fonte: jornal impresso PireneusPost, de fevereiro de 1998, págs 08 e 09.

O parque, com seus 25 alqueires, é um dos locais mais altos do estado de Goiás (com 1385m de altitude). A cadeia montanhosa faz parte do complexo de rochas quartzíticas que corta o estado de leste a oeste – Goiás Velho, Jaraguá, Pirenópolis, Chapada dos Veadeiros e Diamantina. Os 3 Picos são as mais altas montanhas do local e foram religiosamente batizados de Pai, Filho e Espírito Santo. Apesar de mais altos, eles são formados, em sua grande maioria, por rochas podres e muita vegetação. Já o Morro do Cabeludo, que é o maior afloramento de rocha quartzítica do local, era o principal e mais desenvolvido point de escalada esportiva da região.

Durante a fase de estudos para criação do plano de manejo do parque, biólogos descobriram que uma águia chilena estava utilizando o equilíbrio desta região para se reproduzir e seu ninho fora encontrado no Morro do Cabeludo. A partir de então, a escalada ficou proibida neste morro, sob pena de multa e apreensão de equipamentos de quem desrespeitasse as regras.

Como dito anteriormente, o Parque encontra-se em processo de estruturação e a escalada é liberada em apenas alguns pontos do mesmo. As poucas vias acessíveis que restaram no parque não foram suficientes para suprir a necessidade dos escaladores do Centro-Oeste, e a escalada esportiva se enfraqueceu na região. Não satisfeitos com a cruel realidade, os escaladores passaram a explorar outro tipo de escalada na região – o boulder. Mal sabiam estes escaladores que o parque compreendia uma extensa faixa com mais de 5km de pequenos blocos, de um extremo ao outro, ou seja, que viria se tornar um paraíso para este tipo de escalada. E foi a partir de 2003 que a escalada em boulder teve seu "boom" no cerrado.

A evolução e os setores

Cada vez mais explorados os setores de boulders surgiam aos montes e novos projetos se tomavam realidade. Atualmente, o pico conta com mais de 1500 problemas e aproximadamente 20 setores distintos para a prática deste tipo de escalada. Cada um com suas particularidades e peculiaridades. A grande vantagem do pico é a diversidade que pode se encontrar na região, em se tratando de boulder. Tem escalada para todos os gostos – abaulados, regletes, arestas, tetos, fendas, buracos, boulders diluídos, blocados, de um movimento, de resistência, expostos ou rasteiros, no sol ou sombra, e onde nunca molham. Realmente aqui você encontra de tudo – até mesmo os famosos "boulder problems" ou boulders forçados. E como o intuito é diversão, isso não vai faltar.

Dentre os setores maiores e mais conhecidos

estão a Florestinha e o Mocó, com boulders para todos os gostos e imaginações.

A Florestinha é um lugar bastante prático: trilha é muito confortável (menos de 1 minuto até o primeiro boulder) e os blocos são alucinantes – tetos, highballs e negativos de todos os jeitos. Pra se ter noção, nesse setor existe um bloco que tem aproximadamente uns 30 problemas de boulder. Da pra passar o dia inteiro só nele. Um bom custo benefício se o seu tempo estiver curto. Os clássicos: *Geral*, *Fissuras*, *Justiceiro Highballino*, *Fezes*, *Amendoim Tostado*, *Regret*, *Ganja Smoke*, *Red-Bull*, *Aí Vó* e para os mais audaciosos, *Quimera speciosa*. Tem até um projeto no bloco que é realmente difícil e não é forçado. Tem apenas que esta com a ponta dos dedos preparadas pra blocar nuns regletes de 3mm e "botar pra jogo".

O Mocó também é outro setor clássico. A caminhada de acesso é um pouco mais longa – cerca de 20 minutos até os blocos, que se encontram mais espalhados que o setor anterior. Os boulders deste lugar são impressionantes. Muitos deles com uma textura mais lisa e agarras mais "macias". E pra fechar o dia, um bom banho nos poços de água cristalina. Dentre os boulders mais clássicos estão o *Mãos ao Alto*, *Arestão*, *Fax*, *Moai*, *Não Chores*, *Beijo*, *Fumaça*, *Green Time*, *Sansão*, e outros. Tem muito boulder. Os outros setores são menores, e não ficam nada atrás dos dois primeiros. Apenas possuem menos pedras, mas todos eles com boulders e projetos alucinantes. Fica até difícil escolher um setor, porque a quantidade e variedade de blocos em cada um deles é muito grande. Utilize como critério de escolha a caminhada (se é longa ou curta), a facilidade de acesso, se existe água ou não e se os blocos estão na sombra ou sol, pois, qualquer que seja o setor, terá muitos boulders para serem escalados. Os setores mais conhecidos são: *Vizinho da Cobra*, *Sala de Guerra*, *Vale*, *Bosque*, *Pássaros*, *Mutucas*, *Carapatos*, *Pista*, *29*, *Saci*, *Boca de Fumo*, *Mesa*, *Jardins do Conde*, *Napas*, *Babilônia* e *Frente do Cabeludo*. É necessário um bom tempo pra conhecer todos e dependendo de qual for ele, um guia será uma peça fundamental na sua aventura. É comum encontrar com escaladores de Goiânia e Brasília durante qualquer dia no pico. De repente é uma ótima saída pra conhecer os setores mais camuflados.

Repercução na gringa

Dados recentes de sites especializados no assunto nos mostram que, Cocalzinho esta entre as primeiras regiões do mundo com o maior número de ascensões em boulders. Isto está tornando a região tão popular, que cada vez mais escaladores brasileiros e estrangeiros visitam o parque em busca de um "up grade" no seu "currículo de escalada". Essa afirmação se

concretiza com os dados do site www.8a.nu – onde mostra que Cocalzinho, em sua melhor época, já esteve em quinto colocado (de abril a julho).

Ética local

Visando o bom senso e o mínimo impacto, não é permitido acampar no parque. Muito menos fazer fogo, coletar plantas, e perturbar os animais. De forma alguma cave a base dos boulders ou escreva/ quebre/ cole agarras nos blocos, muito menos saia da trilha.

Deixe seu radinho em casa e não vá para o pico pensando ir a uma rave. Venha em busca de paz e harmonia, mas com tranquilidade. O parque é um lugar harmonicamente equilibrado e os intrusos lá somos nós. Mesmo que ainda não tenha uma fiscalização oficial, muitos frequentadores e visitantes preocupados em preservar e manter a escalada por muitos anos no parque, estão se tomam os sheriffs locais e ajudando a manter a ordem no pico. Portanto, não fuja às regras, pois pode ter alguém de olho em você. E as regras são as mesmas de todos os Parques Nacionais.

Quem ainda não sabe deve passar por um curso de formação para usuários de ambientes naturais, ou o curso Básico de Escalada em Rocha, já que o propósito é esse.

Problemas locais: Devido à evolução acelerada, a grande extensão do pico e a dificuldade em se catalogar as linhas de boulder, alguns problemas vem acontecendo com respeito à ética local. Uma questão aceita no mundo inteiro encontra dificuldades para se firmar como uma ética local – o direito autoral. É comum encontrar em alguns setores e boulders (ou até mesmo setores) registrados com dois nomes. E isso é ruim porque distorce a real história do lugar. Existem também, variações num mesmo boulder, com limitações de saídas ou saídas forçadas. Porém, é importante lembrar que estamos escalando na rocha e que as regras do ginásio não cabem a esse lugar. Fique a vontade e escale como quiser, porque em Cocal o lema é "Subir a Pedra". Claro, dentro da ética da escalada. Então, se você se deparar com isso, não se assuste. Já existe uma galera preocupada com a organização e desenvolvimento de uma região saudável para a escalada. Ah! E o bom senso também já está se instalando na mente dos mais egocêntricos e tudo esta se resolvendo.

Para chegar

O acesso ao parque se dá pela Go-070 (ainda não asfaltada), que liga as cidades de Pirenópolis a Cocalzinho. Partindo de quem vem por Goiânia, o melhor acesso é por Pirenópolis. Existem ônibus pela manhã e tarde que vão pra Piri. De lá até o parque são aproximadamente 18 km de estrada de terra e não existe ônibus ou transporte coletivo para este trecho. Uma solução

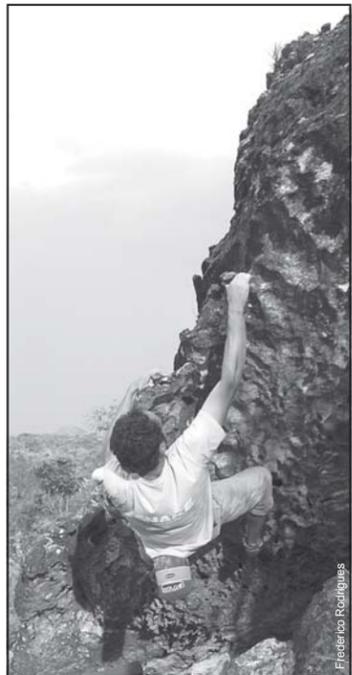


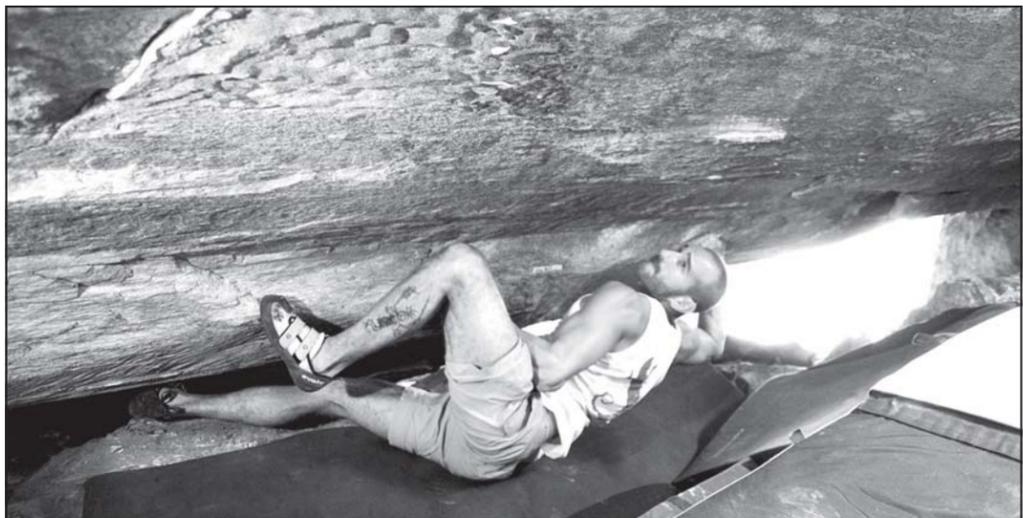
Foto: Frederico Rodrigues

pra quem não esta de carro é o moto-taxi e pode-se encontrar facilmente este serviço em qualquer parte da cidade.

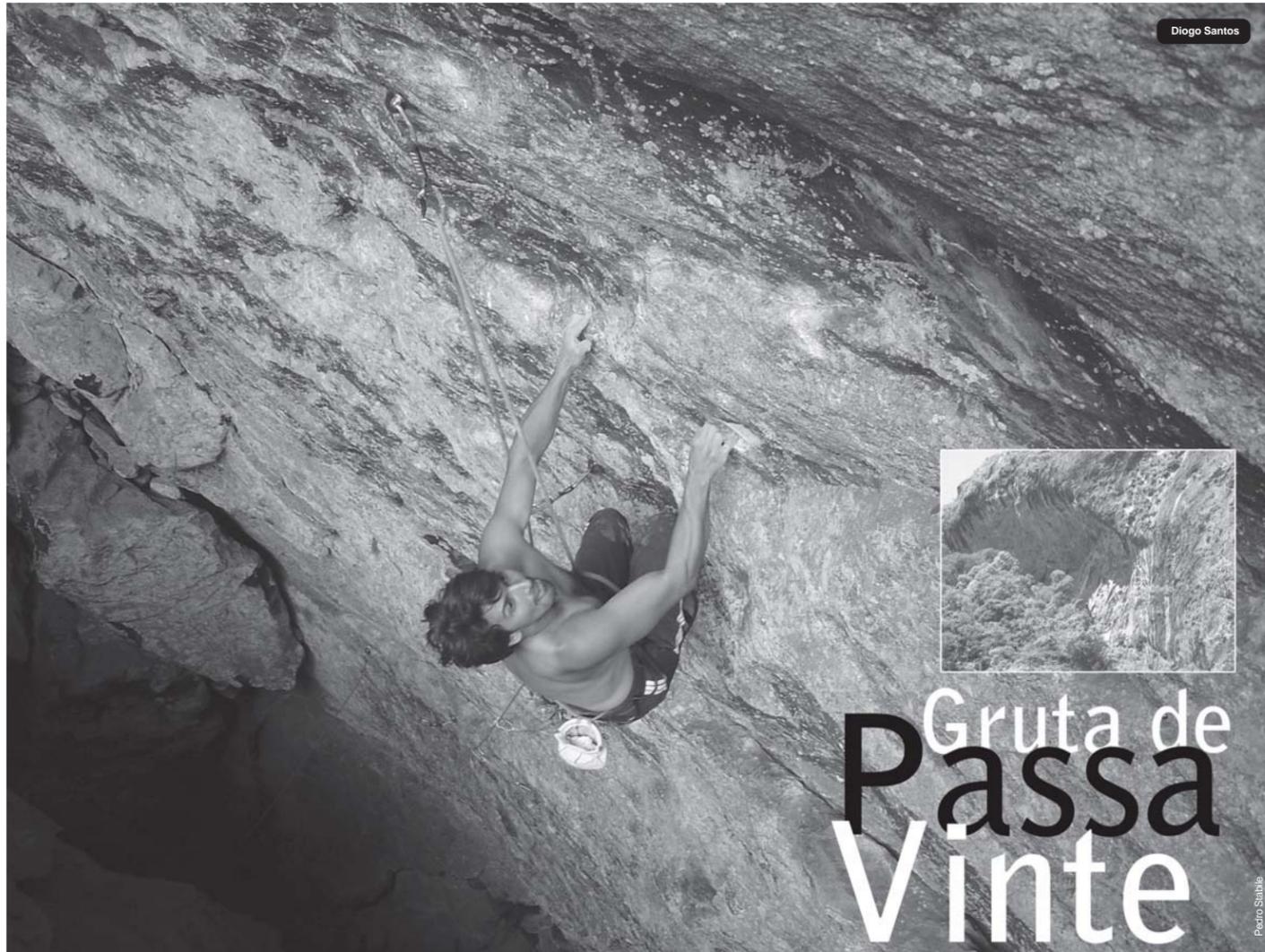
Pra quem vai pro pico por Brasília, a cidade de acesso é Cocalzinho. Ônibus de viagens rodoviárias passam por Cocal todos os dias. De lá, seguindo para o parque, são apenas 9 km de estrada de terra, e também não existe ônibus para o trecho Cocal-Parque dos Pireneus e a solução seria a mesma: moto-taxi, carona ou caminhada de "9 km".

O mais cômodo é ir pro pico de carro, porque a economia de tempo, o conforto e a praticidade farão de sua trip o "tiro certo". Mas se a vontade for muita, não deixe de arriscar e vá de ônibus mesmo.

Contatos: www.sloperescalada.com.br ou fone (62) 3241 0065 – das 14h00 às 22h00 **Frederico Rodrigues**, biólogo e educador físico, escalador há mais de 10 anos, e um dos pioneiros e desbravadores do Parque Estadual dos Pireneus.



www.mountaininvoices.com.br



Diogo Santos

Gruta de Passa Vinte

Pietro Stabile

JULIANO MAGALHÃES | RJ

Inicialmente, o potencial de escaladas da região de Passa Vinte foi descoberto pelos escaladores Fabrício Paiva (Bixu) de Barra Mansa e Carlos Alberto Marassi (Tiola) e, que ao visitarem o local por indicação de pessoas (não escaladoras) que conhecem a cidade, observaram a existência de um paredão de mais de 150m de altura por uns 200m de largura que em sua maior parte é negativo (Pedreira de Passa Vinte) e constataram a possibilidade da criação de um point de altíssimo nível tanto para escaladas esportivas como tradicionais. Após algumas investidas nesse point (hoje com seis vias e vários projetos), por intermédio de um amigo local, Tiola ficou sabendo da existência da Gruta, e juntamente com o Fabrício foram até o local para descobrir do que se tratava. Na primeira visita a Gruta o trabalho foi árduo, pois ainda não havia trilha, então vararam no peito uma selva de arranha gato e chegaram na base do negativo, ocasião em que ficaram impressionados com a magnitude, negatividade e paisagem do local! Após isso, Fabrício na companhia de Leandro Pugliesi fez a primeira investida na Gruta, ocasião em que abriram a primeira via, localizada no setor do Bixu, entretanto devido a contratempos e a várias outras conquistas, a Gruta foi colocada temporariamen-

te em segundo plano.

Já em outubro de 2008, o escalador Filipe Mury de Barra Mansa, pediu que Fabrício o levasse até a Gruta, e quando chegou ao local perdeu o ar e ficou sem palavras...

Imediatamente, Mury entrou em contato com o Diogo (Pokemon) e com o Juliano Magalhães, e decidiram investir pesado no point, daí pra frente não é mais história, é presente!!!

Potencial

O potencial de aberturas de novas rotas de excelente qualidade é muito grande na Gruta de Passa Vinte, pois é um salão com cerca de 300 metros de largura por 70 de altura na parte maior do negativo. As agarras são macias e grandes na maioria dos casos e uma inclinação que chega a 50 graus de negatividade!!! Sombra o dia todo, totalmente abrigada da chuva, apenas 30 minutos de caminhada e ainda tem uma fonte de água potável ao lado da pedra. Em apenas dois meses de trabalhos já conquistamos 15 rotas num bom estilo (de baixo), pois é impossível equipar vias de cima na gruta devido à negatividade e tamanho serem grandes demais para isso. As conquistas são muito exaustivas devido à negatividade. Bater 10 chapeletas diretas sem descanso lá é um "ato heróico"! Teve fins de semana que foram somente



Juliano Magalhães

trabalhos sem escaladas, mas que valem muito à pena.

Hoje já temos vias que vão do VI ao VIII confirmados e vários projetos que podem passar do décimo grau. E muitas das vias que estão prontas podem crescer e muito. Imaginem uma via de resistência, 50 graus de 50 metros?!

A pedra conta com 5 setores, a saber:

1. Setor do Condomínio (de marimbondos);
2. Setor do Bixu;
3. Setor do Salão;
4. Setor do Camarote;
5. Setor da Mina.

Geologia

A Gruta de Passa Vinte é constituída por um gnaiss bandado e dobrado de idade arqueana, isto é, com mais de 3 bilhões de anos, sendo considerado um dos maciços rochosos mais antigos do planeta. A formação da gruta deveu-se a desmoronamentos que ocorreram ao longo de fraturas na rocha que predominavam mais na base do paredão. Como o topo da parede é pouco fraturado, ocorreram poucas quedas de blocos, ficando-se o "negativo" junto ao pé da parede rochosa.

Ética

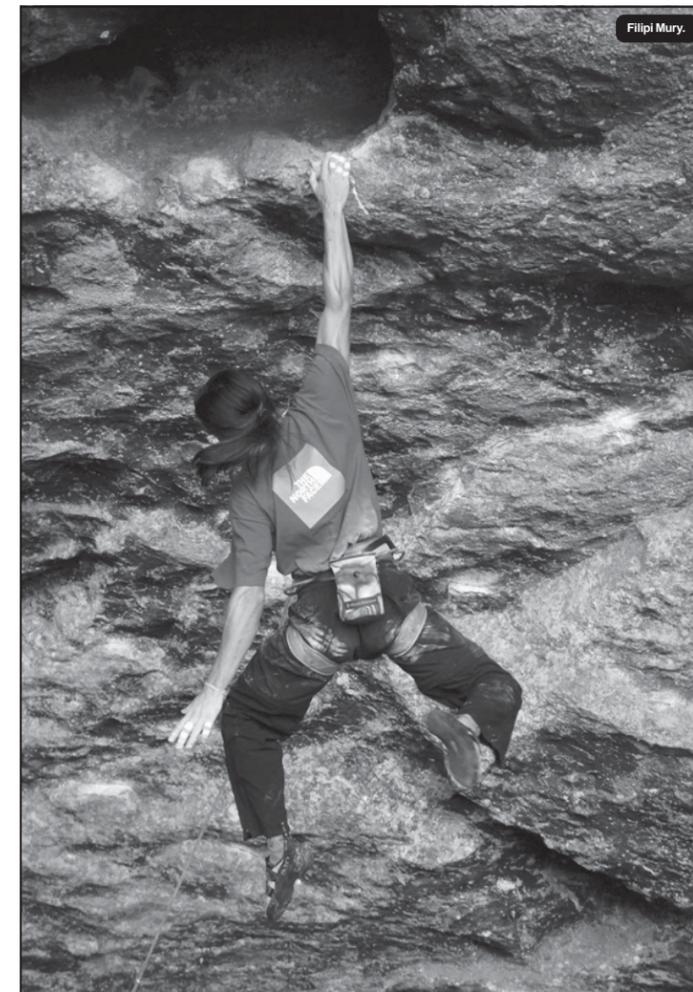
Apesar de a nossa comunidade escaladora ser formada por pessoas de boa índole e educadas, vale lembrar que:

Todos que ao dirigirem-se a gruta, avisem aos proprietários, caso eles estejam em casa, somente para demonstrar respeito pelos donos da terra.

Nunca deixe lixo no point; Não é permitido acampar na base da pedra; Evite ao máximo o desmatamento da vegetação na trilha além do necessário, pois assim evitaremos a degradação do solo diminuindo a erosão, tendo em vista que a trilha de acesso é bem frágil e com o aumento do número de frequentadores isso certamente ocorrerá;

Como o point está sendo conquistado, será normal encontrar equipamentos na parede ou na base, o que não quer dizer que este equipamento não tenha dono...

Se tiver a intenção de conquistar uma via, informe-se com o pessoal para saber se o local escolhido não exista um projeto ou outra via "em móvel". Não faça a trilha ou a base das vias de banheiro, utilize um "shit-tube" (portascrementos), se não tiver um, leve



Filipe Mury

PARA TODO TIPO DE AVENTURA. INCLUSIVE AS DO DIA-A-DIA!



- :: Há mais de 20 anos no mercado
- :: Marca consagrada
- :: Qualidade
- :: Resistência e durabilidade
- :: Materiais impermeáveis
- :: Baixas temperaturas
- :: Garantia de 30 meses
- :: Adventure Center Acampar®



- :: Mochilas
- :: Vestuário
- :: Acessórios
- :: Calçados
- :: Pochetes
- :: Bolsas

Também fazemos produtos personalizados com a sua marca




Loja Virtual www.acampar.com.br
info@acampar.com.br

Loja de Fábrica R. Francisco Derosso, 2.300 - Loja B
81720-000 - Xaxim - Curitiba/PR - (41) 3079-8200

NOVA LOJA Shopping Estação Av. Sete de Setembro, 2775 - Loja 2060
2º piso - 80230-010 - Rebouças - Curitiba/PR - (41) 3029-2100

seus dejetos em uma sacola plástica e jogue em um lixo na cidade; A Gruta é um local maravilhoso, criadouro de animais e plantas, um paraíso para escalada em rocha, porém, muito cuidado, pois é também um local perigoso, com a presença de animais peçonhentos, risco de queda de blocos, e acidentes que podem causar a morte;

Agradecimentos

Toda a galera local deixa os sinceros agradecimentos aos proprietários das terras onde a pedra fica localizada por sempre nos receber tão bem, a todas as pessoas que ajudaram de alguma forma para a abertura das vias batendo chapeletas, limpando as agarras, abrindo trilha, carregando peso, doando material e aqueles que estão dando seu tempo, suor e dedicação para que esse point revolucione a escalada esportiva brasileira.

Contatos

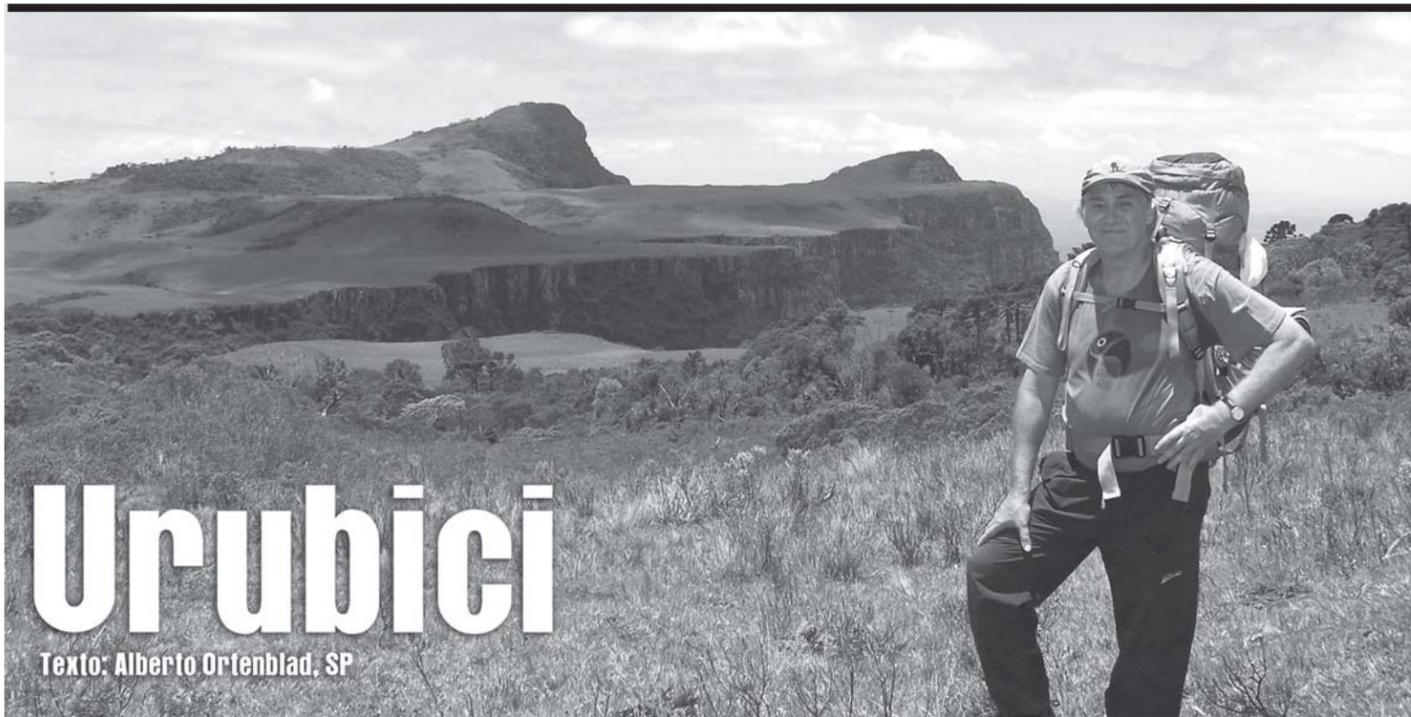
Quem estiver interessado em conhecer o point e contribuir de alguma forma é só entrar em contato conosco:
Juliano Magalhães – email: jzmagalhaes@hotmail.com
Diogo *Pokemon* Santos – email: pokemon9a@hotmail.com
Filipe Mury – email: filipemury@yahoo.com.br
Fabrício Paiva - email: fpaiva.skl@gmail.com



Seminário de Montanhismo na Pedra do Baú

14 e 15 de Março
São Bento do Sapucaí - SP
Betas:
www.femesp.org





A serra catarinense ainda é pouco conhecida e bastante preservada, com cânions deslumbrantes, campos de altitude de vistas longínquas e lindas cachoeiras. Experimente visitá-la e, se tiver tempo, fazer alguma travessia mais longa pelo Parque Nacional de São Joaquim. É uma natureza delicada e diversa, que alia panoramas monumentais a detalhes pitorescos.

A Localização

Aproveitando um desses feriados generosos, pude conhecer Urubici, na serra catarinense. Ela fica a 170 km de Florianópolis, por uma bela estrada asfaltada, que atravessa vales e sobe chapadões, até passar pela curiosa pirâmide do Panelão e descer até a cidadezinha de Urubici. Esta funciona de maneira semelhante a Monte Verde para os paulistas ou Visconde de Mauá para os cariocas: uma região serrana e rústica, com belos visuais e muita natureza. Urubici está a uma altitude acima de 900 metros, próxima a São Joaquim, conhecida como a mais fria região do Brasil. Parte dela integra os 39 mil hectares do Parque Nacional de São Joaquim, que se estende por três outros municípios - curiosamente, nenhum deles é hoje São Joaquim, depois que este município foi desmembrado. Este é um PN antigo, constituído em 1961, mas até hoje sem ter sua situação fundiária regularizada e sem contar com uma estrutura adequada. Na realidade, não vi sequer uma placa anunciando o Parque, quem sabe ele seja uma moderna criação virtual do IBAMA...

A História

Urubici significa na língua dos índios xokleng *Terra Mãe das Águas Geladas*, é um nome pouco sonoro, mas bem verdadeiro. Os xokleng eram uma nação nômade que percorria todo o Brasil. Foi para buscar ouro e catequizar índios que os primeiros brancos - no caso, jesuítas - chegaram à região no século XVIII. Só duzentos anos depois começou a exploração florestal, que se estendeu pelo meio século seguinte. Urubici é uma vila feiosa e pequena, com avenidas curiosamente largas, por causa do trânsito de pesados caminhões de madeira, da época

quando a cidade começou a crescer. Devido à topografia acidentada, esta foi a última região colonizada em Santa Catarina, quando lá se instalaram inúmeras madeiras para o corte das araucárias nativas. Foi exatamente para protegê-las (ou o que sobrou delas) que o PN foi constituído.

Mas, até hoje, Urubici é pouco habitada, com grandes extensões servidas por estradas de terra, povoados minúsculos distantes entre si e muitas de suas encostas ainda recobertas por vegetação nativa. Sua ocupação é muito dispersa - para 10 mil habitantes ao todo, apenas 4 mil residem na cidade. As regiões baixas e férteis são ocupadas pelo pastoreio, pelas hortaliças e pelas macieiras. Na realidade, as principais atrações estão a algo como 20 ou 30 km da vila, principalmente no rumo leste, no sentido da Serra Geral.

Os Cânions da Serra Geral

Esta região (na realidade, todo o sul do Brasil) teve uma formação geológica interessante, devido a diversas invasões de lava basáltica ocorridas sobre a rocha sedimentar pré-existente. Este foi o maior derramamento basáltico da história da geologia, ocorrida há 150 milhões de anos, no período Cretáceo. Isto gerou dois tipos diferentes de relevo: platôs planos devido à estabilidade da rocha basáltica ou declives acentuados, quando esta se despreendeu do arenito subjacente mais frágil. Estas são as formações chamadas de *aparrados*, onde surgem magníficos cânions abruptos que se vertem a partir dos campos planos. Toda a parede da Serra Geral, que corre do Rio Grande até o Paraná, é sujeita a este tipo de relevo. Estas são as formações dos Cânions

do Itaimbezinho e de Fortaleza no Rio Grande do Sul, do Espraiado e de Laranjeiras em Santa Catarina e do Guartelá no Paraná (falarei dele num próximo artigo). Outra característica associada ao relevo é o clima peculiar, pela insistente neblina vinda do mar, que se acumula nos contrafortes da Serra Geral e que com frequência se condensa em gelo. Mesmo num dia limpo, especialmente no verão, podem-se encontrar as escarpas da serra envoltas numa fria neblina. Em todos os invernos há precipitação de neve, o que faz lotar a limitada hotelaria de São Joaquim. Este relevo abriga dois outros parques, de Aparados da Serra e da Serra Geral, ambos ao sul de São Joaquim. O de Aparados foi constituído em 1959 e o da Serra Geral em 1992, como uma ampliação do primeiro (era menos burocrático criar este do que aumentar aquele). São bem pequenos, juntos equivalem à metade do de São Joaquim. Entretanto, os esplêndidos Cânions de Fortaleza e do Itaimbezinho são dos maiores do país, com 8 e 6 km de extensão.

Bom Jardim e São Joaquim

Talvez a expressão mais conhecida deste relevo seja a sinuosa estrada que desce o Vale do Rio do Rastro, desde os quase 1.500m de Bom Jardim da Serra até Orleans, já na planície litorânea. Ao longo da descida, são visíveis os perfis acidentados das cristas rochosas mais além, onde correm outros cânions. É interessante notar que, no trecho alto, as paredes são na cor cinza da rocha basáltica, mas a partir de uma linha vertical, passam a ter a coloração ocre do arenito, sem qualquer transição. Embora não disponha de um mapa topográfico, suponho que Urubici seja a região mais baixa

das vizinhanças, pois se chega nela descendo da Serra do Panelão ao norte. No sentido sul, é necessário subir para alcançar os municípios vizinhos de Bom Jardim da Serra e São Joaquim. Bom Jardim é mais uma vila pequena, que fica a 110 km por asfalto de Urubici na direção sudeste. É na borda do planalto que você encontrará esses cânions vertiginosos. Eles são exploráveis por cima, a pé ou a cavalo: Laranjeiras, Funil e Ronda. Os agudos rochedos do Funil são visíveis à esquerda de quem desce a estradinha do Rio do Rastro. Já São Joaquim fica a 70 km na direção sudoeste e aparentemente não apresenta maiores atrativos naturais, exceto no inverno, quando se cobre de um lençol de neve. Esta viagem tem um aspecto interessante: repare como a vegetação é variada, ora formando matas densas, ora pastos intercalados de árvores esparsas e matas ciliares, ora campos elevados. Mesmo as matas têm aspectos diferentes, conforme a altitude.

Como os campos de altitude dos quais os cânions se precipitam são contínuos, através dos platôs e das coxilhas, criou-se a tradição de percorrê-los a cavalo nos invernos - são 350 km desde Santa Catarina até o Itaimbezinho no Rio Grande. Assisti um vídeo a respeito, é impressionante acompanhar uma cavalgada de quase cem pessoas, que se reúnem por uma semana para essa travessia.

O Espraiado e o Corvo Branco

Mas você não precisa sair de Urubici, pois de lá você pode alcançar o platô do Cânion do Espraiado. Você deve dirigir por 30 km na direção leste, até perto da Serra do Corvo Branco, saindo à esquerda no rumo do Refúgio do Rio Canoas.

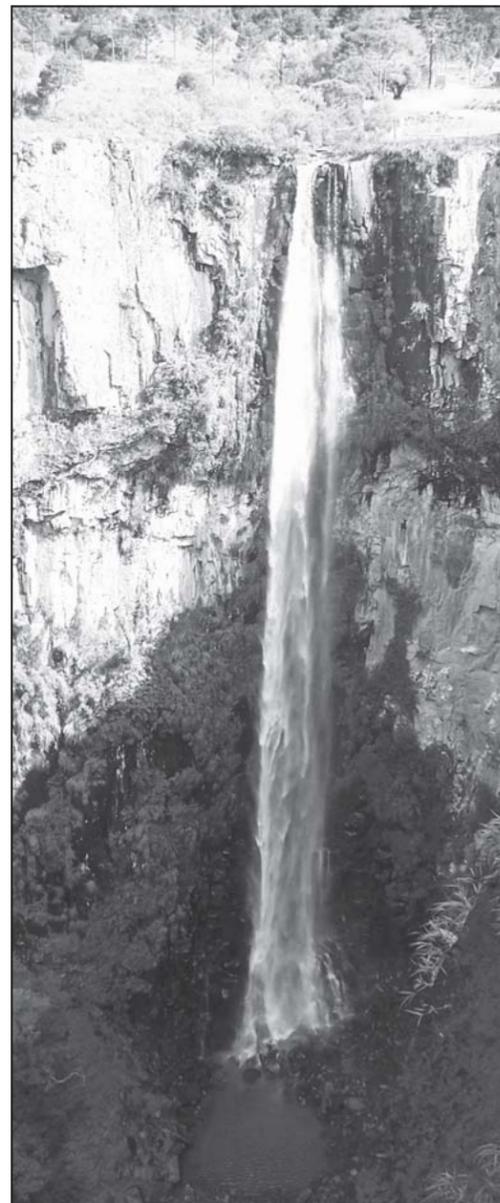
Junto com o Rio Pelotas, o Canoas é formador do Rio Uruguai. Ele corre ao longo de todo o belo vale que você atravessou para chegar ao Refúgio. Subir aos campos de altitude é uma caminhada bastante íngreme por 10 km de ida e 500 m de ascensão, a partir do deslumbrante vale do Rio Canoas. A vista de cima é impressionante, com a cachoeira do Rio Espraiado mergulhando no cânion quase ½ km abaixo, toda a luxuriante vegetação das encostas e o rochedo acidentado do Corvo Branco mais adiante. Esta é uma longa caminhada, foram 7 horas ida e volta a partir do Refúgio. Estes campos situam-se entre 1.600 e 1.750m de altitude. São recobertos por capim caninha e assemelham-se bastante aos campos de altitude da Mantiqueira. Que eu saiba, existem neles duas travessias longas, a do Campo dos Padres e a dos Campos de Santo Antônio. Elas têm em comum as longas rampas e as extensões planas dos altos, com vistas distantes para

a planície litorânea a leste e para as escarpas da Serra Geral. Não as fiz, mas fica aqui a sugestão. Subir a Serra do Corvo Branco a 1.750m, também na borda da Serra Geral, é outro dos atrativos. Corvos brancos não existem, este nome deve ter sido criado por alguém com muita imaginação (ou pouca visão), que talvez o tenha confundido com algum urubu rei. Dela desce uma estradinha semelhante à do Rio do Rastro, embora menor. Os altos da Serra são alcançados por uma caminhada de talvez 5 km de ida, programe 5 horas ao todo.

Por sinal, esta é uma região de muitas aves, em especial as curicacas, as gralhas azuis e os gaviões. Os mamíferos não parecem abundantes - o principal deles é o chamado leão baio ou onça parda. Mas existem também bugios, lobos e cachorros do mato.

A Furada, o Campestre e as Cachoeiras
Talvez o local mais conhecido na região seja o Alto da Igreja, de todos o mais elevado, com 1.820m,

ao qual você chega de carro. Lá existe uma base para controle do tráfego aéreo. Devido a estas instalações, o acesso à bela Pedra Furada deve contornar a colina, numa trilha irregular dentro do mato arbustivo, que corre pelas encostas de um cânion. Devido ao ataque das muricocas que afugentou minha companheira, não cheguei a completar esta trilha. Mas acredito que tenha 6 km de ida e tome 5 horas ao todo. A Pedra Furada é uma notável formação em arenito com um curioso vazio central de quase 10 metros de altura. Se você sentir saudades de uma escalaminhada, não deixe de visitar o Morro do Campestre. Ele está a 7 km no rumo oeste, com 1.200m de altitude. Nele a erosão esculpiu no arenito formas muito evocativas: lajes, buracos e pontões. Estão debruçados sobre um vale verdejante, coberto por um mosaico de diferentes plantações ao longo do curso preguiçoso do Rio Canoas. Existem também belas cachoeiras, a mais conhecida delas sendo a do Avencal, à beira da rodovia para São Joaquim. Ela pode ser visitada por baixo, através de uma trilha curta e acidentada, e também pelo alto, em ambos os casos com visões impressionantes. Note como é imponente a grande e curva parede basáltica. Visite também a Veu da Noiva, o Arroio do Engenho, a Vacariano e o Rio das Sete Quedas, se quiser se molhar pelo seu leito. Ficam de 7 a 23 km do centro. O turismo ecológico em Urubici ainda está se iniciando, não existem tantas alternativas de hospedagem e de travessias. Mas há algo de delicado e pitoresco que faz desta uma região encantadora.



Cursos de Escalada
Básico e avançado de escalada móvel, conquista big wall e reciclagens

Guias de Montanha
Brasil: Pedra do Bau e região, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Sul e Nordeste
Exterior: EUA, África, México e Espanha

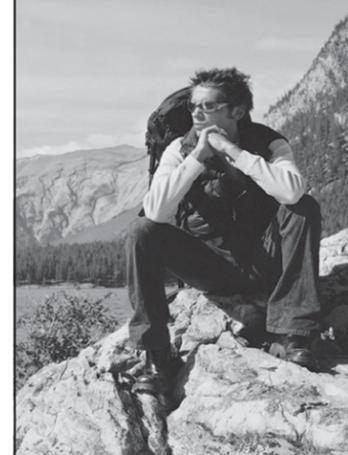
Brasil + Exterior
Escale com tranquilidade nos melhores points do planeta

MONTANHISMUS
Escola de Escalada em Rocha
WWW.MONTANHISMUS.COM.BR
SANTO ANTONIO DO SUL - SC
FONE (51) 3971.1470

USAMOS O MELHOR
SNAKE SOLO deuter BOSCH

acesse também: www.eliseu@rechoi.com.br

No meio do nada é que ficam os lugares especiais.



R.: Apeninos, 803 -
Próx. metrô Paraíso
11 3171 2923 -

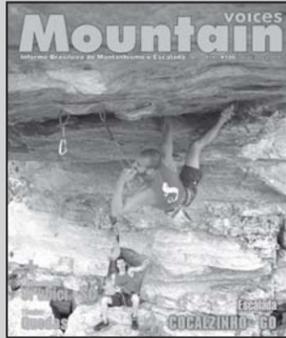


loja virtual: www.penatrilha.com.br

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editores: Eliseu Frechou, Vitor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Frederico Rodrigues na Perdeu playboy, 8c, Cocalzinho, GO.
 Foto: Eliseu Frechou.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/07/2009.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....).....
 E-mail.....
 Idade Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....

- Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder
 () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
 () Renovação assinatura - R\$ 20,00
 () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
 () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
 () Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
 () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
 () DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
 () DVD The Movie 1 - Itatiaia - R\$ 25,00
 () DVD Karma - R\$ 25,00

106

Total00

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região



LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



THE MOVIE #1
Itatiaia + Chapada Diamantina

Manuais de Escalada e Montanhismo



**Pedra do Baú
 Itatiaia
 Serra do Cipó**

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



OS PERRENGUES DE PAULO
 ACAMPANDO NA SERRA



CUIDADO COM ESSA LANTERNA PAULO, CUIDADO!!



EU TE AVISEI, AGORA VAMOS TER QUE ENCOMENDAR FOGAREIRO, BARRACA, LANTERNA, TUDO DE NOVO! FALA AÍ O NÚMERO DO SEU CARTÃO!

WWW.EQUINOX.COM.BR
 COMPRE ONLINE - TUDO PARA A SUA AVENTURA



CONQUISTA

Linha **ALPINA PRO**
 30, 45 ou 77 litros
 Escolha a sua Aventura!

Rock porta equipamentos
 Porta piolet/bastão
 Fitas para fixar objetos no fundo
 Canal de ventilação
 Porta capacete
 Encaixe perfeito nas costas
 Cintos com abertura para ventilação
 Fundo em cordura

www.conquistamontanhismo.com.br

TERRITÓRIO
 MOUNTAIN SHOP

VIAGENS - TREKKING - ESCALADA - SKI

CONHEÇA NOSSO **novo site**
 acesse, compre e aventure-se sem moderação

territorioonline.com.br